

**As escrituras sagradas das religiões abraâmicas em
uma perspectiva da medicina veterinária atual –
uma revisão de literatura**

***The sacred scriptures of Abrahamic religions from
a contemporary veterinary medicine perspective –
a literature review***

***Las escrituras sagradas de las religiones abrahámicas desde
una perspectiva de la medicina veterinaria contemporânea –
una revisión de la literatura***

João Paulo Novelletto Pisa¹

¹ Doutor e mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Ciência da Homeopatia pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Martinho Campos (FAMART). Graduado em Medicina Veterinária pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). **E-mail:** joaopisamdv@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-7728-9293>

Resumo: O objetivo do artigo é realizar uma revisão de literatura para verificar como as religiões abraâmicas refletem os tópicos ligados à saúde única, bem-estar e ética animal de forma multidisciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar sendo interpretados a partir das escrituras sagradas do Judaísmo (Antigo Testamento), Cristianismo (Antigo e Novo Testamento) e Islamismo (Alcorão). Neste estudo foi visto que existe sim uma interferência de pensamentos religiosos em na relação das pessoas com os animais e seus usos, desde a forma de abate até de entender o que é o animal. Além disso, mostra ainda como as pessoas lidavam com os seus problemas no espaço-tempo em que viveram e que persistem atualmente. Mais pesquisas devem ser realizadas para compreender essas questões e com outras religiões, o que promove um ambiente de tolerância religiosa, o que reflete a função social da profissão.

Palavras-chaves: bem-estar animal; teologia animal; saúde única.

Abstract: The aim of this article is to conduct a literature review to examine how Abrahamic religions reflect topics related to One Health, animal welfare, and ethics in a multidisciplinary, transdisciplinary, and interdisciplinary way, interpreted from the sacred scriptures of Judaism (Old Testament), Christianity (Old and New Testaments), and Islam (Quran). This study found that religious thought indeed influences people's relationships with animals and their uses, from the method of slaughter to the understanding of what constitutes an animal. Furthermore, it illustrates how people addressed their problems in the time and place where they lived, problems that persist today. More research should be conducted to understand these issues and with other religions, promoting an environment of religious tolerance, which reflects the social function of the profession.

Keywords: animal theology; animal welfare; one health.

Resumen: El objetivo de este artículo es realizar una revisión bibliográfica para examinar cómo las religiones abrahámicas reflejan temas relacionados con Una Sola Salud, el bienestar animal y la ética de forma multidisciplinaria, transdisciplinaria e interdisciplinaria, interpretados a partir de las escrituras sagradas del judaísmo (Antiguo Testamento), el cristianismo (Antiguo y Nuevo Testamento) y el islam (Corán). Este estudio concluyó que el pensamiento religioso influye en la relación de las personas con los animales y sus usos, desde el método de sacrificio hasta la comprensión de lo que es un animal. Además, muestra cómo las personas abordaron sus problemas en el tiempo y lugar en que vivieron, problemas que persisten en la actualidad. Se debe realizar más investigación para comprender estos temas y con otras religiones, promoviendo un entorno de tolerancia religiosa que refleje la función social de la profesión.

Palabras clave: bienestar animal; teología animal; una salud.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o princípio da construção das civilizações humanas as pessoas utilizam os animais para seu cotidiano em diferentes formas; desde para a alimentação, o trabalho e a companhia, assim como a visão das pessoas sobre esses animais. Essa interação é baseada em várias correntes e linhas de pensamento, até mesmo as ideias ligadas as crenças espirituais e as divindades. Essas ideologias fazem parte da construção das sociedades, e mesmo após milênios, continuam influenciando as atitudes e opiniões de pessoas em todo o globo, até agora no mundo contemporâneo. Dessa maneira, existem sociedades humanas antigas que se formaram tendo como centro e unificação das pessoas a fé em divindades, criando textos sagrados que regem a vida daquela comunidade e sua visão de mundo, como se fossem as constituições das nações atuais, e a interpretação do que são os animais, sua dimensão espiritual e suas utilidades para com esta comunidade e como ela ter sua ética e moral das atitudes com eles.

Seja como for, os profissionais atuais inseridos no mercado e na área acadêmica da medicina veterinária e em outros que envolvem os animais poderiam ter um entendimento das religiões em geral e como elas interferem na visão e nas práticas com os animais. Não somente das práticas de abate, mas também de como a religião como fonte de pensamento e atitudes das pessoas na relação humano-animal-ambiental, o bem-estar animal, e os assuntos em voga para um mundo contemporâneo e na medicina veterinária, principalmente os conceitos de “Saúde Única/Uma Só Saúde” ou “One Health” e “Bem-estar Único” ou “One Welfare”. A profissão e os profissionais poderiam ter mais contato com esses temas de religiões e espiritualidade, pois fazem parte da construção das sociedades e das pessoas. Esses saberes já são uma área do conhecimento que está inserida nas ciências humanas e sociais, sendo chamada de “teologia animal” ou ainda, pode ser vista como o tópico de “animais nas religiões”, feita a partir de estudos sobre a presença dos animais nas teorias e práticas religiosas e a sua visão espiritual.

Por tais razões, o objetivo deste artigo é através de uma revisão de literatura verificar com uma visão multidisciplinar, interdisciplinar

e transdisciplinar a presença dos animais e temas contemporâneos da medicina veterinária presentes nas religiões advindas de *Abraão/Ibrahim* (A.S.), que estatisticamente fazem grande parte do mundo e da realidade brasileira, que são o judaísmo, cristianismo e islamismo, evidenciando como essas religiões são a conexão de alteridade entre pessoas, sociedades e os animais e como isso condiciona a saúde única, a ética, o bem-estar animal. Outrossim, é estimular um ambiente com mais tolerância religiosa, sendo assim, uma forma de mostrar a relevância social desta ciência e profissão e de seus profissionais.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho tem como base a mesma lógica que os trabalhos em zooliteratura, que é uma interpretação científica de contextos de textos ficcionais de literatura em que são apresentados personagens animais ou as situações em que eles se apresentam nas narrativas (Pisa; Leme; Tacito, 2019). Porém, em vez de livros de ficção, são utilizadas as escrituras sagradas das religiões Abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e islamismo) e identificar os tópicos relacionadas com o a medicina veterinária nacional e global, com o foco em temáticas contemporâneas de ética, saúde única e bem-estar animal. Salienta-se que este não é um trabalho religioso com o intuito de promover as suas ideias, mas sim acadêmico, isto é, serve como forma de perceber as relações das sociedades com os animais.

Primeiramente, as obras estudadas são de duas literaturas religiosas distintas: **a) Bíblia Católica** (traduzido por Ludovico Garmus e publicado pela Editora Vozes, 2002) que compreende os livros contidos no Antigo (*Tanakh* para o judaísmo) e o Novo Testamento (cristão), em que constam os livros, capítulos e versículos, tendo diversos autores; e **b) o Alcorão** (traduzido por Dr. Helmi Nasr, 2006) que é o alicerce da religião islâmica, escrito pelo profeta *Muhammad* (A.S.). Ainda, é necessário compreender que são edições em português, o que significa que, talvez, em seus idiomas originais ou outras traduções podem ser diferentes (Rossi; Dietrich; Souza, 2022). E no caso da Bíblia Sagrada, pode mudar conforme a religião, por exemplo, existem diferenças entre a Bíblia Católica e a Protestante (Pereira; Leite; Florência,

2021). Um outro adendo é que existem literaturas sagradas e teológicas para além desses textos, como os livros “*Talmud*”, “*Midrash*” e “*Cabalah*” no judaísmo e a “*Suna*”/“*Hadith*” para os muçulmanos.

A interpretação é feita a partir do ponto de vista de um médico veterinário, que se considera um cristão e espiritualista, que estudou em colégio católico salesiano, que teve pouco ou nenhum contato com demais religiões em sua construção sociocultural; o que leva também a interpretação e individualidade de quem lê este artigo, em outras palavras, pode ter outras compreensões e narrativas a partir da realidade de mundo de outras pessoas. Um momento de inspiração foi ter tido um período de experiência em um consultório veterinário de pequenos animais em que alguns tutores demonstravam sua fé em alguns momentos, como no caso da vivência do luto; o que se revela algo corriqueiro da vida das pessoas.

Com a coleta dos exemplos (das narrativas) e identificação dos temas para análise é realizada uma busca por literatura científica em livros e artigos por meio de sites como Google Acadêmico. Essa busca de material acadêmico serve para compreender como essas ideias das sociedades influenciam a vida e o bem-estar dos animais, animalidade, a relação humano-animal e os novos conceitos de saúde única e bem-estar único.

Essa não é a primeira vez que teve uma publicação semelhante e obviamente deve ter outras produções na literatura científica sobre essa temática em uma perspectiva veterinária, como livros (Aftandilian; Ambros; Gross, 2024; Gruben, 2021) e o artigo de Szűcs *et al* (2012) sobre as ideias de bem-estar animal em diferentes realidades, incluindo uma visão de religiões, portanto, semelhante a este presente estudo. Existem ainda as áreas de conhecimento de “teologia animal” e “animais nas religiões” que ocorrem nas ciências humanas, sociais e filosofia (Aftandilian; Ambros; Gross, 2024); que são disciplinas que devem fazer parte da construção dos profissionais da veterinária através do currículo dos cursos de graduação (Pisa; Leme; Tacito, 2019; Pisa; Leme, 2020). Além do mais, elas são narrativas que permeiam gerações por milênios na história das mais diversas sociedades humanas, então outras pessoas podem ter usado os mesmos tópicos e ideias.

3 AS RELIGIÕES ABRAÂMICAS E A MEDICINA VETERINÁRIA

As religiões Abraâmicas são monoteístas, acreditam em um único Deus e tem um cerne principal as histórias que tiveram origem correlacionado com o patriarca Abraão/*Ibrahim*, (A.S.) advinda do Oriente Médio (mas cristianismo é mais europeu e ocidental), e por isso existem semelhanças de ideias e pensamentos entre elas. Por exemplo, os conteúdos da Torá/Pentateuco; o Gênesis e a história de Moisés/*Musa* (A.S.) e os 10 mandamentos (a narrativa do êxodo) e que estão presentes no Alcorão também. Mais específicos mesmo estão relacionados aos personagens próprios, como Jesus, o Cristo do Cristianismo e como os profetas o *Muhammad* (A.S.) e *Salih* (A.S.) do Islamismo ou com uma visão diferente, como no caso do filho que Deus/*Allah* mandou Abraão/*Ibrahim* (S.A.) sacrificar; em uma narrativa é o seu filho com a Sara, o Isaque/*Ishaq* (S.A.), que é dos judeus e cristãos (Bíblia Sagrada, 2002) e a outra possibilidade é que foi o seu primogênito com Hagar, o Ismael/*Ismail* (S.A.), que seguem os muçulmanos (Alcorão, 2006); independente disso, quem é sacrificado é um animal, o cordeiro, no lugar de uma pessoa.

Como se vê nos profetas do islã até agora, essa religião se tem o costume de citar o “*Assalamualaikum*” (sua abreviação é A.S.) que significa “que a paz de Deus esteja com ele” após o nome do profeta. Logo, neste artigo, será colocado o nome em árabe dessa saudação e com sua forma abreviada. Enfim, as passagens das escrituras sagradas das religiões abraâmicas utilizadas nesta revisão de literatura estão descritas e resumidas no Quadro 1.

Quadro 1 – Assuntos abordados a partir dos textos sagrados utilizados no artigo

Fonte	Religião	Assuntos abordados
Gênesis	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Animalidade e crises ambientais
Êxodo	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Animalidade e crises ambientais
Levítico	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Animalidade, alimentação e crises ambientais
Deuteronômio	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Alimentação

Fonte	Religião	Assuntos abordados
1Reis	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Crises ambientais e Relação humano-cão
2Reis	Judaísmo, Cristianismo e Islamismo	Crises ambientais e Relação humano-cão
Isaías	Judaísmo, Cristianismo	Animalidade
Tobias	Judaísmo, Cristianismo	Relação humano-cão
Evangelho de Lucas	Cristianismo	Animalidade e o devir-animal de Jesus e a relação humano-cão
Evangelho de Mateus	Cristianismo	Relação humano-cão
Evangelho de Marcos	Cristianismo	Relação humano-cão
Alcorão	Islamismo	Animalidade, Alimentação, crises ambientais e a relação humano-cão

Fonte: Elaborado pelo autor; Bíblia Sagrada (2002); Alcorão (2006).

Mesmo que não existem evidências históricas dessas passagens, assim como as demais utilizadas neste artigo, e desses personagens, esses textos demonstram as ideias do contexto espaço-tempo em que foram produzidas e influenciam bilhões de pessoas desde que foram criadas, até que existir o planeta, possivelmente. Quiçá, uma ideia primitiva de ética e bem-estar animal, pois estão presentes ideias nos textos que legitimam algumas práticas e pensamentos, principalmente por colocar o animal como posse do ser humano como o seu dominador (Szűcs *et al*, 2012; Bíblia Sagrada, 2002; Alcorão, 2006).

Ao que se apresenta, ainda exista uma preocupação com o bem-estar e direito dos animais nas escrituras (Szűcs *et al*, 2012), como, por exemplo, lei “antizoofilia” com uma pena de morte para ambas as espécies (Êxodo 22, 18; Levítico 20, 15-16. Bíblia Sagrada, 2002) e cuidados para garantir a qualidade de vida do animal como o descanso no “*shabat*”/sábado (Êxodo 23, 12. Bíblia Sagrada, 2002), uma ideia primitiva de prática de bem-estar animal, considerando-os como seres capazes de sentir estados negativos e positivos, isto é, pode ser uma forma de entender que eles viam os animais como seres sencientes. Talvez seja uma visão semelhante ou primitiva da linha utilitarista do pensamento ético animal ou até mesmo da ciência do bem-estar animal (Szűcs *et al*, 2012). Essas escrituras sagradas que fazem e farão parte de muitas pessoas durante a história da vida humana no planeta Terra, até dos assuntos da medicina veterinária. Mais exemplos são

discutidos nos próximos tópicos, e é lógico, existem outras e ainda estas podem ter outras compreensões.

3.1 A construção da animalidade

Ao ler e interpretar as escrituras sagradas, seja do lado judaico e cristão ou muçulmano, os animais são colocados em uma função básica de posse e utilidade para com as pessoas, servindo de sustento, locomoção, vestimenta e outras finalidades. Sendo seres criados por Deus/*Allah*, mas com o intuito de que as pessoas possam utilizá-los (Szűcs *et al*, 2012; Topel, 2023). Como visualizado nas seguintes passagens:

[...] Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e tudo que vive e se move sobre a terra [...] e todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres vivos que rastejam sobre a terra, eu lhes dou todos os vegetais para alimento (Gênesis 1, 28-30. Bíblia Sagrada, 2002).

[...] Então, o senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao ser humano para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o nome que o ser humano lhe desse. E o ser humano deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens [...] (Gênesis 2, 19-20. Bíblia Sagrada, 2002).

E o Senhor Deus fez para Adão e sua mulher túnicas de pele e os vestiu. (Gênesis 3, 21. Bíblia Sagrada, 2002).

Independente de certos personagens como Adão (*Adam*), Noé (*Nuh*), Abraão (*Ibrahim*), Jacó/Israel (*Yakub/Israil*), Moisés (*Musa*) (que a paz de Deus esteja com eles e os demais profetas) entre outros ou as próprias narrativas sejam ficcionais ou históricas, existiam povos no Oriente Médio que tinham os animais como forma de subsistência, e de alguma forma, surgiu o sacrifício de animais como ato religioso como forma de pagar os seus próprios pecados. Em outras palavras, os animais não eram apenas alimento, mas também uma forma de as pessoas projetarem e expiarem as suas culpas.

Na leitura do Pentateuco para os cristãos (Bíblia Sagrada, 2002), ou a *Torá* para os judeus, e algumas citações dessas histórias e profetas no Alcorão

(2006), podemos perceber a construção do conceito sociocultural do que seriam os animais, sua definição de existência, enfim, sua animalidade. Por exemplo, Abel, que ofereceu cordeiros a Deus (Gênesis 4,4. Bíblia Sagrada, 2002; Alcorão Sagrado, 2006), depois o patriarca Abraão como forma de assinar um contrato com Deus (Gênesis 15, 6-21. Bíblia Sagrada, 2002). Já na história da fuga do Egito e dos “10 mandamentos”, os cordeiros foram sacrificados para que os primogênitos de casa dos hebreus não fossem mortos pelo anjo da morte, sendo ele um animal sem defeito (Êxodo 12. Bíblia Sagrada, 2002). Há ainda os animais estão presentes nas narrativas dos “10 mandamentos” como em um sentido de posse, já que não poderia alguém cobiçar nada que é do próximo “nem boi, nem jumento” (Êxodo 20,17. Bíblia Sagrada, 2002).

O sacrifício de animais aparece no capítulo 29 do Êxodo, com destaque pelo versículo 36, “Cada dia oferecerás um bezerro de expiação pelo pecado. Farás o rito expiatório no altar, oferecendo sobre ele um sacrifício pelo pecado, e depois ungirás para torná-lo santo”. Os animais como sacrifícios é visto em mais lugares no Pentateuco/*Torá*. Em alguns capítulos depois (Êxodo 32. Bíblia Sagrada, 2002), o bezerro que era morto em sacrifício virou um símbolo de adoração para o povo, tendo a ideia de um deus, embora seja um bezerro de ouro não vivo, ainda tem a imagem do animal. O contexto social, em uma possível interpretação, parece que as pessoas estavam preocupadas e angustiadas pela espera de Moisés/*Musa* (A.S.); sem qualquer liderança ou apoio psicológico, em uma situação de desespero, tiveram um momento catártico, em que usaram o bezerro de ouro como forma de lidar com a situação. No restante da Bíblia (2002) e do Alcorão (2006), os animais ainda aparecem sendo sacrificados, como alimento e para transporte e outras utilidades para a humanidade de acordo com suas necessidades.

Ainda no Antigo Testamento que também faz parte da Bíblia Hebraica e não citado no Alcorão (2006), o profeta Isaías (11, 6-9. Bíblia Sagrada, 2002) prevê um futuro diferente do passado (e do presente), em que os animais deixam de ser utilitários para as pessoas, ou razões de conflito interespecies, inclusive entre as espécies de animais não humanos; sem mais a situação de presa e predador, para viverem em comunhão e em paz com os seres humanos, todos se alimentando de vegetais. Isso por si só é uma anulação

do comportamento natural dos animais, por assim sendo, suas animalidades. Claro, isso deve ser entendido de forma metafórica, não literal.

3.2 A animalidade de Jesus, o Cristo

No cristianismo, a figura central messiânica é Jesus, o Cristo/*Isa* (A.S.), ao ser crucificado, gerou uma nova religião, em que os animais não são mais sacrificados por seus praticantes; uma mensagem teológica de não-violência, conhecido assim como o “cordeiro de Deus” (Palhano; Sanches, 2013). Esse animal representa, como significado simbólico, a pureza, o bem, submissão e obediência. Contudo, também existe na bíblia o cordeiro do apocalipse, o jeito como Jesus viria em sua segunda vinda, que seria o estado antagonista dessa imagem de perfeição do cordeiro sacrificado, mas sim uma representação do lado sombrio e com desejos ditos impuros, como a ira; um ser sacrificado, inclusive por se adaptar aos costumes sociais vigentes, que se revolta em seu lado sombrio. Não seriam dois personagens, mas sim, a complexidade e a subjetividade de um indivíduo (Ramos *et al*, 2005).

Além do mais, tanto a imagem de cordeiro que será sacrificado como o “cordeiro apocalíptico” fazem Jesus Cristo estar em um estado representativo de devir-animal e sua humanidade ser uma animalidade, isto é, a ideia de Jesus do cristianismo o faz estar em uma imagem e identidade animalesca; deixando de ser uma pessoa para ser um animal (Pisa; Leme; Tacito, 2019). Como se observa no caso deste personagem, que tem seu lado do bem e de sombra vista em suas narrativas na bíblia, as pessoas comuns (sem senso de divindade) também a possuem e precisam sacrificar o seu lado “cordeiro apocalíptico” externalizado no outro; no caso o animal ou Jesus, o Cristo/*Isa*, (A.S.) em seu devir-animal (Ramos *et al*, 2005).

A animalidade e o devir-animal de Jesus, o Cristo vai além de seu sacrifício, tendo questões implícitas nesse evento. De fato, há algo em seu nascimento, em que seus pais, Maria e José, sacrificam aves menores (pombas) por serem pobres, respeitando a lei de Moisés/*Musa*, (A.S.), visto no evangelho de Lucas, capítulo 2 nos versículos 22 a 24 (Bíblia Sagrada, 2002). Este personagem também é para os pobres (Palhano; Sanches, 2013), já que seu sacrifício é de forma gratuita e para toda a humanidade,

se assemelhando aos pombos que as pessoas em vulnerabilidade social podiam sacrificar na época em que ele esteve na Terra.

Terminando os dias da purificação deles segundo a lei de Moisés, levaram o menino para Jerusalém a fim de apresentá-lo ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: *Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor*. Ofereceram também em sacrifício, conforme está escrito na Lei do Senhor, *um par de rolas ou dois pombinhos* (Lucas, 2, 22-24. Bíblia Sagrada, 2002).

Aponta-se que, para os muçulmanos, Jesus/*Isa* (A.S.), não foi crucificado, também não é o filho de Deus ou o próprio Deus, mas sim um profeta e messias que foi arrebatado vivo com seu corpo físico (não em espírito pela ressurreição) para os céus e que vai fazer seu retorno nos fins dos tempos. Por consequência, a presente interpretação deste tópico é voltada para o viés cristão.

3.3 Animais em seu devir-Alimento

Um das possibilidades de ser animal e sua animalidade é ter como função social de tornar-se alimento para o sustento da sociedade, e como visto na introdução deste artigo, a religião tem um papel crucial na percepção das pessoas sobre o abate. Essencialmente, na religião islâmica no abate *Halal* (Sinclair *et al*, 2023) e os judeus também possuem uma alimentação diferenciada, chamada de *Kosher/Kasher*; ambas possuem regras do que comer o que não se deve comer descritas em suas escrituras sagradas e seus abates são chamados de “jugulação cruenta” (Nascimento; Pereira, 2023). É uma temática muito delicada e deve ser discutido com respeito, ética e evidências científicas, que são essenciais para a construção dos profissionais na área, intermediando a ciência, a proteção da saúde, dignidade e bem-estar animal e a promoção da tolerância religiosa na sociedade (Oliveira *et al*, 2025; Szűcs *et al*, 2012).

No cristianismo, apesar de não existir sacrifícios de animais em rituais e não ser tão restritivo como as outras vertentes monoteístas, por exemplo, o consumo de carne suína, há alimentos próprios nas festividades, como os peixes na sexta-feira santa (morte de Jesus, o Cristo) e uma carne de ave no natal (nascimento de Jesus, o Cristo); nessa data se destaca a ave “*Chester*”;

existiu um fator religioso para o frango tornar-se chester, então não é somente os judeus e muçulmanos, entre outras religiões, que sacrificam os animais em seus rituais. Apesar de que, algumas correntes do cristianismo adotam restrições alimentares como as demais religiões abraâmicas, como os indivíduos da igreja adventista do Sétimo dia, em que seguem uma dieta com base em vegetais (Gênesis) e buscam evitar consumo de alimentos de origem animal, principalmente os considerados “impuros” (Deuteronômio), sendo uma base para uma vida saudável para os sujeitos que praticam essa religião (Oliveira; Teixeira, 2022).

A dieta judaica está descrita principalmente na *Torá* (Pentateuco do Antigo Testamento da Bíblia Cristã) e oferece os conceitos do que é puro e impuro (Levítico 11, 1-46. Bíblia Sagrada, 2002), tendo ainda os textos da “*Midrash*” como um auxiliar e um aprofundamento. Podem ser consumidas carnes (bovinos, aves e peixes), leite, ovos (se não possuir algum resquício de sangue em sua gema) e vegetais, com exceção da carne suína, frutos do mar como lagosta e camarão. Um diferencial é a retirada do sangue durante o abate por ele também ser algo que faz parte do ser humano (Cretella *et al*, 2007). Outra regra interessante é que não se pode misturar em uma preparação de cozimento a carne de um cabrito com o leite de sua mãe (Deuteronômio 14, 21; Êxodo 23,19; 24,26. Bíblia Sagrada, 2002). Um ponto importante que deve ser visto é que essa dieta é uma questão identitária para os praticantes desta fé, podendo ser uma das oportunidades de se ter uma ligação com as tradições milenares desta religião (Topel, 2003).

Mesmo que as suas práticas sejam contraditórias em relação à ciência do bem-estar animal, não permitindo que o animal seja atordoado antes de morrer para tornar-se alimento, gerando assim algumas críticas. Esse nicho de mercado é importante para suprir o consumo interno das pessoas que seguem essas premissas religiosas, e a demanda externa por conta das exportações, que traz notoriedade ao agronegócio brasileiro, tendo que se adaptar a essas formas de abate (Pazuello; Ribeiro, 2021).

Ao ler na Bíblia Sagrada (2002) no Antigo Testamento (judaísmo), percebe-se que o impuro e puro, não é somente sobre o que pode ou não comer, tem uma relação também com a higiene e evitar contaminações, isto é, ter uma questão de Saúde Única e prevenção envolvida nas tradições,

protegendo as pessoas e o ambiente de doenças. Por exemplo, quem tocar no cadáver ficará impuro e deve lavar suas roupas (Levítico 11, 27-28. Bíblia Sagrada, 2002), caso o corpo do animal morto toque em algo ou em um objeto, o que for tocado também ficará impuro, inclusive a água e sementes (Levítico 11, 32-36. Bíblia Sagrada, 2002). Ademais, não se deve comer de animais que morreram de forma natural e foram dilacerados (Levítico 22, 8. Bíblia Sagrada, 2002). Percebe-se que as pessoas buscavam, de acordo com suas possibilidades e conhecimentos, lidar com os problemas de saúde, um modo primitivo dos conceitos atuais que estão em moda.

Os muçulmanos seguem essa ideia binária, o que seria o que é lícito (*Halal*) e o que é ilícito (*Haram*) visualizado em sua escritura sagrada, o Alcorão (2006), e que são baseadas nas ideias da Torá dos judeus. Também possuem restrição ao sangue, o cadáver que não morreu para o consumo, carne suína e o que não foi feito a partir dos protocolos desse sistema. Além de ser do tipo “jugulação cruenta”, o animal deve tornar-se alimento tendo sua direção à cidade sagrada de Meca e com um ritual próprio para ser um produto abençoado (Nascimento; Pereira, 2023).

Naturalmente, causa polêmica em pessoas que são de culturas diferentes, como visto em um estudo de opinião pública com quase 1300 pessoas realizada por Jalil *et al.* (2018) em dois países diferentes, Austrália (cristãos e ateus) e Malásia (maioria de muçulmanos) sobre a visão do bem-estar animal neste tipo de abate mostrou que quem não pertenciam a esta religião a forma de abate não era algo eticamente aceitável, sendo consumida nessa cultura e não aceita em que está fora dela, que pouco conhecimento tem sobre essa prática. Na escritura sagrada do islã, o Alcorão (2006), é citado que *Allah*/Deus criou os animais para o sustento humano em seus versículos, assim como na Bíblia Sagrada (2002).

Pelo que foi visto neste tópico, o animal torna-se alimento é uma prática não somente de necessidade fisiológica, mas também algo em uma dimensão antropológica, social e cultural, tendo a perspectiva religiosa e com práticas de rituais como fator que faz parte da transformação de um ser vivo para um ser servido como sustento das pessoas (Topel, 2003). Nesse momento ocorre uma *performance* de espiritualidade, não somente o uso dos animais, como por exemplo no islamismo, mas os assuntos de

saúde humana, animal e ambiental (que além de doenças, tem a ver com o mercado) vista no judaísmo. Talvez, nessa espiritualidade esteja associada com uma reflexão de ética, por mostrar respeito com o que é vivo e será morto, mesmo que pela ciência atual seria algo que não condiz com o dito “abate humanitário”.

No fim das contas, a religião pode ser uma forma de as pessoas que as praticam terem uma reflexão ética e moral nessa utilização dos animais (Szűcs *et al*, 2012). Diante do exposto, pode se pensar que estudar a teologia animal e os animais nas religiões no ponto de vista de alguém que trabalha com saúde e bem-estar animal, é compreender o seu lado histórico e não religioso somente, na verdade, a conexão com algo superior influenciando diversas práticas de um povo.

3.4 Crises de Saúde Única (*One Health*)

Atualmente, além do bem-estar animal, os conceitos de saúde integral estão atualizando os profissionais e a profissão, em que são consideradas os três elos: pessoas, animais e meio ambiente, na compreensão dos processos de saúde-doença e também a solução dos problemas, inclusive em situações e eventos de crises climáticas e ambientais, que envolvem o todo, esses conceitos são conhecidos como “*One Health*”, em tradução pode ser vista como “Saúde Única” ou “Uma Saúde” e o “*One Welfare*”, em português seria “Bem-estar Único” (Pisa; Leme; Tacito, 2019; Pisa; Leme, 2020).

Nas religiões Abraâmicas existem exemplos disso, como as narrativas das “Pragas do Egito” descritas no livro do Êxodo, em que a população israelita era escrava neste país e o Deus deste povo enviou o profeta Moisés/*Musa* (A.S.) e seu irmão Aarão/*Harun* (A.S.) para a libertação, e para que isso acontecesse Deus/*Allah* realizou as pragas que envolveram os animais de maneira direta, como a praga das pestes dos animais que causou doenças para eles (Êxodo 9. Bíblia Sagrada, 2002) e dos primogênitos, que os primeiros filhos dos animais também morreram (Êxodo 11, 5. Bíblia Sagrada, 2002), e indireta, por exemplo, a água do rio Nilo que se transmutou em sangue e afetou a vida dos animais que vivem neste ambiente, “Morreram os peixes que havia no rio, e o rio ficou poluído, de modo que os egípcios

não podiam beber de sua água, e houve sangue em toda a terra do Egito” (Êxodo 7, 21. Bíblia Sagrada, 2002) e lógico, os demais animais de produção, gatos e entre outros, também não tinham acesso a água potável e sofreram, assim como a dificuldade de produzir alimentos para todos, em resumo, a consequência causou fome e sede para todos.

Houve ainda a praga do granizo (Êxodo 9, 13-35. Bíblia Sagrada, 2002) e da escuridão (Êxodo 10, 21-29. Bíblia Sagrada, 2002) que atrapalhou a vida dos animais e da produção de alimentos, assim como as pragas que envolvem as rãs, que são animais sencientes (Êxodo 7, 25-29 e 8, 1-11. Bíblia Sagrada, 2002), dos mosquitos “atacavam homens e animais [...]” (Êxodo 8, 12-15. Bíblia Sagrada, 2002) e das moscas-varejeiras (Êxodo 8, 16-28. Bíblia Sagrada, 2002).

No Alcorão (2006), isto é, a base da fé muçulmana, é descrito em vários de seus versículos a história do povo de *Thamud* e o profeta *Salih* (A.S.), tendo como uma interpretação mostrar que as pessoas deveriam ser mais fiéis a Deus/*Allah* e escutar os seus profetas, além disso, ter respeito com eles, pois, depois que as pessoas desta comunidade pediram um sinal, receberam, assim como um dever e fizeram o oposto, o que causou a ira de Deus e por isso castigou essa tribo. O erro deles foi maltratar e matar uma fêmea de camelo, porque foi dito que eles deveriam dividir a água com ela; um dia as pessoas e no outro dia o animal, todavia, quase não restava a bebida essencial à vida para a comunidade, então tiraram a vida do animal (Alcorão, 2006). Dessa maneira, pode-se pensar na importância dessa espécie e a noção de que fazer algo errado quando se age contra a integralidade dos animais, tendo que dividir o espaço e a natureza com eles, até porque todos são criações de *Allah*/Deus.

Nos textos sagrados judaico-cristãos se destacam três passagens em que envolve a questão da água; primeiro na seca que aconteceu nas narrativas do profeta *Elias/Ilyas* (A.S.) em que também se preocuparam com a sobrevivência dos animais, assim como das pessoas, “Pois bem, Acab disse a Abdias: Vamos percorrer o país e ver todas as nascentes de água e córregos; quem sabe a gente não encontra pasto para manter vivos cavalos e mulas e não tenha que sacrificar esses animais” (1Reis 18, 5. Bíblia Sagrada, 2002). No segundo livro de Reis no capítulo 2 versículos 19 ao 22 em que o profeta

Eliseu/*Alyasa* (A.S.) transforma uma água que causa abortos na população de Jericó para uma água saudável através do sal. Ainda que não se tenha a certeza na Bíblia, pode ter sido alguma doença de caráter zoonótico que causou isto, como por exemplo, a toxoplasmose, e pode ser uma outra possibilidade, como a de contaminantes.

Os habitantes de Jericó disseram a Eliseu: “Olha, a gente mora bem nesta cidade, como o senhor está vendo, mas a água não presta e na região acontecem abortos”. Ele respondeu: “Trazei-me uma travessa nova com sal!”. Quando a trouxeram, ele se dirigiu à vertente de água e jogou sal nela, dizendo: “Assim fala o Senhor: Eu saneio esta água. Ela já não provocará morte nem aborto”. De fato, a água foi saneada até o dia de hoje, como tinha dito (2Reis 2, 19-22. Bíblia Sagrada, 2002).

O que se destaca nessa narrativa é a identificação do processo saúde-doença, uma visão epidemiológica primitiva, sabe-se a uma correlação de causa e efeito. Se bem que não seja esse o intuito dessa narrativa, que é mostrar o poder do Deus de Israel e seu profeta, essa passagem pode provocar associações para um profissional ou estudante da área da medicina veterinária.

Já a segunda, é a mais famosa, é o grande dilúvio que ocorre em Gênesis (Capítulo 6, versículos 17 ao 22), em que o planeta é destruído e recomeça com uma família, de Noé/*Nuh* (A.S.) escolhida por Deus que são protegidos em uma arca em que são colocadas na arca dois sujeitos de cada espécie, um casal, para futura reprodução e repovoamento no planeta, “E de cada ser vivo, de tudo que é mortal, farás entrar contigo na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea para conservá-los vivos” (Gênesis 6, 19. Bíblia Sagrada, 2002), nessa embarcação, ainda tem mantimentos para as pessoas e os animais, “Quanto a ti, recolhe e leva contigo todo tipo de alimento para servir de comida a ti e para eles” (Gênesis 6,21. Bíblia Sagrada, 2002), o que mostra que se preocupavam com eles.

Essa história nos provoca a pensar as crises climáticas e as tomadas de decisões para a preservação das espécies. Se descontextualizar a parte religiosa, tem-se um problema de saúde única, que é o problema da água; ou na verdade, sua falta ou quantidade que possa abastecer a demanda das pessoas, dos animais e do resto da vida do meio ambiente do ecossistema

que necessita dela como no caso do povo de *Thamud*, como também sua qualidade e higiene, pois a água pode ser fonte de doenças, como no Egito, inclusive as zoonoses como no caso do povo de Jericó. O problema que passaram poderia ser refletido a partir desse conceito, para tomadas de decisões melhores, que beneficiaram a todos, inclusive o animal, como no caso da Arca de Noé/*Nuh* (A.S.), pois todos estão interligados (Souza *et al*, 2022); até espiritualmente. Portanto, todas essas narrativas teológicas podem servir de inspiração para a reflexão sobre as teorias e as práticas sobre os conceitos holísticos e sistêmicos da ideia sobre a saúde.

3.5 Relação humano-canino

Os cães são pouco descritos na Bíblia Sagrada (2002) e no Alcorão (2006), seja no antigo ou no novo testamento. No texto sagrado dos muçulmanos, eles aparecem na Surata de número 18, conhecida como “A Caverna” (*Al-Kahf*) no versículo 18, como cães companheiros e que ajudavam as pessoas.

“E tu suportarias despertos, enquanto estavam adormecidos. E fazíamos-los se virarem, para a direita e para a esquerda. E seu cão tinha estendidas as patas dianteiras, no limiar da caverna. Se tu os houvesse avistado, haver-lhe-ias voltado as costas, fugindo, e haverias ficado cheio de pavor deles” (Alcorão, 2006).

No entanto, nessa religião, nem sempre os cães como animais de companhia são bem-vistos, às vezes sendo desestimulado as pessoas que professam essa fé terem como *pets*, contudo, existem uma mudança de visão de muçulmanos atualmente em alguns locais (Berglund, 2014). No oposto, os gatos são muito apreciados pelos fiéis do islã, pois eram os pets do profeta *Muhammad* (A.S) e valorizados pelo seu comportamento de higiene pessoal (Sarwar; Shahzad, 2025).

No Antigo Testamento (judaísmo e cristianismo), distinguem-se duas narrativas, a do profeta Tobias e do conflito entre o profeta Elias/*Ilyas* (A.S) e Jezabel; uma positiva e a outra de uma maneira negativa. No livro do profeta Tobias, esse personagem tem um cão de estimação que serve de companhia em suas trajetórias, como visto nos seguintes versículos: “Partiu

o jovem em companhia do anjo. Também o cão foi atrás deles [...]” (Tobias 6,1. Bíblia Sagrada, 2002) e “[...]Também o cão os acompanhava, indo atrás dele e de Tobias” (Tobias 11,4. Bíblia Sagrada, 2002).

No segundo caso, o cenário era uma época em que existiam conflitos religiosos na terra de Israel depois da queda do rei Salomão/*Sulaiman* (A.S.) e a divisão do reino, entre norte e sul, tendo várias crenças e uma delas seria no deus pagão Baal, no qual a rainha maquiavélica Jezabel cultuava. Como resultado, surgiu o profeta Elias/*Ilyas* (A.S.), que tem a missão de fazer o povo se voltar para o Deus de seus antepassados, profetizou que ela seria devorada por cães, “Também a respeito de Jezabel o Senhor falou assim: Os cães devorarão Jezabel na propriedade de Jezrael” (1Reis 21,23. Bíblia Sagrada, 2002) e isso acabou acontecendo mais tarde (2Reis 9,26. Bíblia Sagrada, 2002). Consequentemente, é uma visão negativa em que os cães aparecem como seres agressivos, tendo um caráter violento e usados para a violência e a morte (Topel, 2022), mas ainda se tem uma ideia de compaixão pelos animais no judaísmo (Topel, 2023).

No Novo Testamento, que faz parte do cristianismo, existe uma das parábolas de Jesus, o Cristo/*Isa* (A.S.) em que aparecem animais é a história de “O Rico e Lázaro”, apresentada no livro de Lucas, capítulo 16, versículos 19 a 31. Nessa narrativa existem 2 personagens antagônicos; aquele que herda os reinos do céu e o outro que vai para o inferno; o primeiro é o mendigo Lázaro, que passava fome e que tinha doenças de pele e o outro é o rico, que não demonstrava empatia e generosidade, e por consequência de suas atitudes, cada um vai para o lugar compatível com elas. No que se diz respeito no contexto deste presente artigo, numa perspectiva de bem-estar animal, se sobressai o versículo 21: “Desejava tanto matar a fome com o que caía da mesa do rico. Em vez disso, eram os cães que vinham lamber suas feridas” (Bíblia Sagrada, 2002).

Em uma interpretação em relação à mensagem geral da parábola, pode-se pensar que a empatia com uma pessoa em situação vulnerável não veio de uma pessoa da mesma espécie, mas sim de cães, embora possa ser antropomorfização pensar em empatia no sentido emocional da palavra, ela reflete a imagem comum atualmente que é a companhia de cães de pessoas em situação de rua ou até mesmo das pessoas que preferem os animais do

que os outros indivíduos da própria espécie, por sentir neles afetividades positivas que não encontram em outros seres humanos (Fernandes, 2015). Pesquisas atuais com esse público, mostra-se que essa relação é benéfica para as pessoas nessa situação de vulnerabilidade, como forma de promover a saúde integral, segurança e a socialização; ainda é uma questão de saúde única, por conta das zoonoses e da saúde de ambos dessa alteridade. Os cães representam laços sociais e afetivos que, às vezes, não foram estabelecidos com as pessoas, o que promove uma consciência de dever de cuidado com este outro animal e muitas vezes se dá uma visão humanizada dessas pessoas (Baltar; Garcia, 2019; Freitas; Gomes, 2019).

A presença dos cães na parábola é um clichê, de que as pessoas encontram nos animais um elo que possuem dificuldade em encontrar com as pessoas, por isso uma linguística de associar com família (Fernandes, 2015; Pisa; Leme, 2020). Esse exemplo reflete o animal como um alimento para a alma, não só para o corpo; só que existem alguns animais que servem para sacrifícios, transporte, alimento, amizade e entre outros. O que leva à percepção de especismo, a identidade do animal a partir do antropocentrismo em uma perspectiva de ideologias religiosas, podendo ser classificado como o “especismo religioso” (Oliveira, 2014).

Em outro momento, no novo testamento, Jesus, o Cristo/*Isa*, (A.S.) condena quem tira o alimento de seus filhos para dar a estes animais, como visto no evangelho de Mateus no capítulo 15 versículo 26, “E ele respondeu: Não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-los aos cachorrinhos” e a resposta da mulher no versículo 27, “Certamente, Senhor; mas os cachorrinhos comem das migalhas que caem na mesa de seus donos”. Esse relato também é visto no evangelho de Marcos no capítulo 7, versículo 27 (Bíblia Sagrada, 2002), ele mostra que existe sim uma preocupação com os animais também, mesmo que se priorize as pessoas; lembrando ainda algumas falas de tutores, que às vezes não possuem nem para eles, imagina para os seus animais.

Ademais, na parte da Igreja Católica Apostólica Romana, existem alguns santos voltados para com os animais não humanos, como o São Francisco de Assis (padroeiro dos animais), o São Roque (padroeiro dos cães) e o Santo Antônio (padroeiro dos animais domésticos); além da amizade entre Dom Bosco e o cão Grigio. Como pode se notar, diferente dos

judeus e muçulmanos (Berglund, 2014; Topel, 2022), no mundo ocidental cristão, os cães são animais bem apreciados, até como membros da família (Fernandes, 2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se percebe pelos temas de narrativas teológicas apresentadas neste trabalho, podem ser informações válidas para a construção profissional, tanto por abordar temas relevantes como as áreas de saúde única, ética e bem-estar animal como para integrar os profissionais a sociedade e nas discussões da sociedade e nas relações interpessoais, o que implica também na necessidade de uma identidade multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar com as ciências humanas, sociais e filosofia, que atualmente existe uma disciplina *“Veterinary Humanities and Social Sciences”*.

Para isso, lança-se mão de metodologias ativas e mais acessíveis como a utilização das artes, como a zooliteratura sendo que a Bíblia Sagrada e outros textos sagrados de demais religiões podem ser utilizados por todos, o que aproxima mais ainda as pessoas do conhecimento e provocam reflexões holísticas e sistêmicas, por serem histórias presentes na vida das pessoas e de seu cotidiano, tendo ainda produções audiovisuais nacionais e internacionais sobre elas, o que significa que fazem parte da cultura atual.

Como consequência, podem ser realizadas pesquisas para conhecer mais a realidade da relação do papel da religião e como ela influencia as práticas veterinárias e a relação humano-animal-ambiente. Como, por exemplo, a visão que as pessoas possuem dos animais, das doenças, como vivem elas e como lidam com o luto; isso só na clínica de pequenos animais, tendo também a parte de produtos de origem animal e outras áreas da medicina veterinária. Também fazer pesquisas com profissionais veterinários e como eles lidam com a fé deles e como a fé dos outros, e muitas mais possibilidades. Essas pesquisas podem ser feitas em diversos recortes geográficos, demográficos e religiosos, como as religiões de matriz africana e outras orientais, tanto no Brasil como em todo o globo, para conhecer mais ainda a realidade.

Mesmo que não seja uma temática inédita, os temas abordados identificados nos textos sagrados das religiões Abraâmicas mostram, em

um contexto histórico e não religioso, o modo como as sociedades daquele espaço-tempo lidavam com os desafios apresentados em sua vida, assim como atualmente. Existe uma preocupação com o bem-estar e uma ética animal quando estão sendo utilizados pelas pessoas em determinadas funções, assim também como um pensamento epidemiológico e de “Saúde Única/ Uma Só Saúde” (*One Health*) e “Bem-estar Único” (*One Welfare*); por isso, ainda são significativos para pensar a medicina veterinária moderna e futura.

Mesmo que no presente o universo da ciência com sua validação e vieses se demonstra que certas ideias e situações não condizem com a ética e o bem-estar animal não significa que naquele tempo, quando essas práticas religiosas foram adotadas, não se tinha esses pensamentos científicos e áreas acadêmicas contemporâneas; eles fizeram o melhor que podiam com o que possuíam para lidar com os desafios, tendo a inteligência e a lógica e não um microscópio, para garantir a sua sobrevivência e a de seus descendentes. Essas práticas viraram símbolos culturais e religiosos, que influenciam as pessoas e os países até hoje.

Espera-se que este artigo seja um motivador para a produção de mais conteúdo científico em relação às práxis das religiões e o bem-estar animal, seja com pesquisas de opinião pública ou abrangendo mais religiões e visões espiritualistas que estão presentes nas sociedades e influenciam as pessoas e em suas escolhas, práticas, cuidados com a saúde, alteridade e reflexão ética com os animais e o meio ambiente como um todo para compreender cada vez melhor essas questões sociais e culturais. Principalmente, um convite aos profissionais da área, em cada uma de suas religiões e formas de pensamento espiritual. Por isso, ressalta-se a importância da teologia animal que deveria fazer parte em disciplinas das áreas de filosofia, ciências humanas e sociais presentes nos cursos. E no fim, é mais uma possível contribuição desta profissão para a humanidade em geral, que se importa mais em um estado de paz, saúde e bem-estar para a integralidade do planeta.

REFERÊNCIAS

AFTANDILIAN, D.; AMBROS, B. R.; GROSS, A. S. *Animals and Religion*. Londres: Routledge, 2024.

BALTAR, J. G. C.; GARCIA, A. Pessoas em situação de rua e seus cães: fragmentos de união em histórias de fragmentação. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 12 n. 2, jul./dez. 2019.

BERGLUND, J. Princely Companion or Object of Offense? The Dog's Ambiguous Status in Islam. *Society & Animals*, [s.l.], v. 22, n. 6, p. 545–59, 20 nov. 2014.

CRETELLA, R. V.; MARTINS, R. L. G.; PETRILLO, V. H. M.; DITTRICH, C. E.; PINHEIRO JÚNIOR, O. Á. Alimentos Kosher: revisão bibliográfica. *Revista Científica Eletônica de Medicina Veterinária*, Garça, v. 1, n. 9, p. 1–4, jul. 2007.

FERNANDES, M. *Cara de um, foco do outro: uma interação entre os animais e seus tutores*. São Paulo: Borboleta, 2015.

FREITAS, A. A.; GOMES, A. P. F. A representação social do cão para as pessoas em situação de rua: uma diretriz para construção de políticas públicas. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 106–28, jun. 2019.

GARMUS, Ludovico. *Bíblia Sagrada*: edição da família. 46.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRUBEN, J. A. *A Theology of Beasts: Christians and Veterinary Medicine*. [s.l.]: Post Tenebras Lux Books, 2021.

JALIL, N. S. A.; TAWDE, A. V.; ZITO, S.; SINCLAIR, M.; FRYER, C.; IDRUS, Z.; PHILLIPS, C. J. C. Attitudes of the public towards halal food and associated animal welfare issues in two countries with predominantly Muslim and non-Muslim populations. *Plos One*, [s.l.], v. 13, n. 10, p. 1–18, 31 out. 2018.

NASCIMENTO, N. C.; PEREIRA, A. A. O bem-estar de bovinos no abate através da utilização do método de jugulação cruenta (halal, kosher) sob à égide da legislação brasileira. *Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais*, Salvador, v. 6, n. 1, p. 205–25, dez. 2023.

NASR, H. *Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa*. Al-Madinah, Arábia Saudita: Complexo Editorial do Rei Fahd, 2006.

OLIVEIRA, Fábio Corrêa Souza de. Especismo religioso. *Revista Brasileira de Direito Animal*, [s.l.], v. 6, n. 8, p. 161–220, 12 jun. 2014.

OLIVEIRA, A. A.; GULLO, A. S.; MONTEIRO, G. C.; FEITOZA, M. G. B.; SOROMINCKI, L. V.; FIGUEIREDO, G. L. Tipos de abates religiosos e o bem-estar animal. *Pubvet*, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 1–8, 1 jan. 2025.

OLIVEIRA, S. N.; TEIXEIRA, C. S. Alimentação vegetariana adventista: uma visão qualitativa da alimentação. *Revista Científica Unilago*, [s.l.], v. 1, n. 1, 2022.

PALHANO, J. J. D.; SANCHES, M. A. Teologia da compaixão com os animais: a prática de Jesus. *Revista Pistis Praxis*, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 169, 24 out. 2013.

PEREIRA, A. S.; LEITE, V. N.; FLORÊNCIO, R. R. Ensaio sobre o cristianismo: uma revisão bibliográfica sobre os livros que diferenciam a bíblia católica da bíblia protestante. *Revista Ouricuri*, Juazeiro, v. 10, n. 2, p. 1–23, 2021.

PISA, J. P. N.; LEME, D. P. O cavalo líquido: como a filosofia contribui para a medicina veterinária. *Multidisciplinary Reviews*, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 1–4, 8 dez. 2020.

PISA, J. P. N.; LEME, D. P.; TACITO, J. L. C. A arte como instrumento de ensino de bem-estar animal. *Pubvet*, [s.l.], v. 13, n. 7, p. 1–8, 12 ago. 2019.

RAMOS, D. G.; BIASE, M. C.; BALTHAZAR, M. H. M.; RODRIGUES, M. L. P.; SAUAIA, N. M. L.; SAYEGH, R. R.; MALTA, S. M. T. C. *Os animais e a psique: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso*. São Paulo: Summus Editorial, 2005. (V. 1)

ROSSI, L. A. S.; DIETRICH, L. J.; SOUZA, W. Tradução da Bíblia: teorias, ferramentas, limites e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis*, [s.l.], v. 14, n. 2, 2022.

SARWAR, D. M.; SHAHZAD, A. Islamic History of Animal Welfare and Status of Cat in Islam. *Al Khadim Research Journal of Islamic Culture and Civilization*, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 58–66, 2025.

SINCLAIR, M.; HÖTZEL, M. J.; LEE, N. Y. P.; LUNA, M. C. T.; SHARMA, A.; IDRIS, M.; ISLAM, M. A.; IYASERE, O. S.; NAVARRO, G.; AHMED, A. A.; BURNS, G. L.; CURRY, M.; MARCHANT, J. N. Animal welfare at slaughter: perceptions and knowledge across cultures. *Frontiers In Animal Science*, [s.l.], v. 4, p. 1–17, 12 maio, 2023.

SOUZA, D. A.; SILVA, F. B.; PEREIRA, Í.; GOMES, J. B. S.; DAMAZIO, M. R.; MOURA, T. B.; PEREIRA, W. G.; TEIXEIRA, A. I. P. A importância da água dentro do conceito de saúde única. *Brazilian Journal Of Health Review*, [s.l.], v. 5, n. 6, 2401229, 9 dez. 2022.

SZÚCS, E.; GEERS, R.; JEZIERSKI, T.; SOSSIDOU, E. N.; BROOM, D. M. Animal welfare in different human cultures, traditions and religious faiths. *Asian-Australasian Journal Of Animal Sciences*, [s.l.], v. 25, n. 11, p. 1499–506, 22 out. 2012.

TOPEL, M. F. O judaísmo rabínico e o princípio de compaixão com os animais: dados do trabalho de campo. *Revista Sociologia Plural*, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 404–19, jan. 2023.

TOPEL, M. F. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. *Horizontes Antropológicos*, [s.l.], v. 9, n. 19, p. 203–22, jul. 2003.

TOPEL, M. F. Mitos e rituais: como alguns judaísmos olham alguns animais. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 16, n. 31, p. 1–16, nov. 2022.